RESUMO
Com o crescimento da escola, cresceu também as demandas e dificuldades de cada um. Foi necessária a implantação de funcionários que fossem capazes de lidar com essa demanda e, após séculos de tentativas de padronização da individualidade, foi percebido que o rendimento escolar não estava alcançando os parâmetros desejados pela população e todo insucesso foi classificado como fracasso escolar. Com a necessidade de encontrar a razão para este fracasso o psicopedagogo entra nas instituições avaliando e rotulando cada aluno que apresentava comportamentos fora do padrão desejado levando-os a exclusão e desdoiro. Depois de décadas de observação e estudos, o psicopedagogo recebe uma nova visão sobre a aprendizagem e através do segmento clínico e institucional tem contribuído para uma sociedade capaz de ir além do saber ler e escrever, ao explorar as diferentes formas que o conhecimento possui colaborando assim com a formação de indivíduos capazes de usufruir e cumprir seus direitos e deveres como cidadãos. Este trabalho foi escrito com o objetivo de descrever a história da psicopedagogia no Brasil, mostrar a diferença entre o psicopedagogo institucional e clínico e apresentar as possíveis contribuições dessa área para a educação. Através da metodologia bibliográfica, os objetivos foram alcançados esclarecendo assim, de forma simples, o papel do psicopedagogo nas instituições de ensino.

Palavras-chaves: Educação; Psicopedagogo; Clínico; Institucional; Psicologia.

ABSTRACT:
As schools grew, so did the demands and difficulties of each student. It was necessary to employ staff capable of dealing with this demand, and after centuries of attempts to standardize individuality, it was realized that school performance was not reaching the parameters desired by the population, and all failure was classified as school failure. With the need to find the reason for this failure, the psychopedagogue entered the institutions to evaluate and label each student who displayed behaviors outside the desired standard, leading to their exclusion and disgrace. After decades of observation and studies, the psychopedagogue gained a new perspective on learning and, through the clinical and institutional segments, contributed to a society capable of going beyond knowing how to read and write, by exploring the different forms that knowledge has, thus collaborating with the formation of individuals capable of enjoying and fulfilling their rights and duties as citizens. This work was written with the objective of describing the history of psychopedagogy in Brazil, showing the difference between institutional and clinical psychopedagogy, and presenting the possible contributions of this area to education. Through the bibliographic methodology, the objectives were achieved, thus clarifying, in a simple way, the role of the psychopedagogue in educational institutions.

Keywords: Education; Psychopedagogue; Clinical; Institutional; Psychology.

INTRODUÇÃO

As escolas surgiram das necessidades do capitalismo. À medida que a indústria se desenvolvia, foram permitidas pessoas que soubessem ler para operar as máquinas, e assim começou o processo de alfabetização. À medida que a indústria crescia, também crescia o número de estudantes, mas surgiram problemas como resultado das tentativas de padronizar as diferenças. Conforme a necessidade, novas cargas são criadas para ajudar a atender à necessidade, inclusive do Psicopedagogia.

Assim, à medida que a carga se expande e surgem diversas novas tarefas, o papel do psicoeducador institucional acaba por se hibridizar e perder as suas verdadeiras responsabilidades. Isso nos leva a pensar na

situação deste problema “Qual a função do psicopedagogo nas instituições de ensino?
Este estudo é importante porque fornecerá ao leitor uma base para o processo histórico do desenvolvimento escolar atual e demonstrará a utilidade dos psicopedagogos institucionais, esclarecendo assim quaisquer dúvidas relacionadas ao tema e dissipando confusões sobre o seu papel. A importância do surgimento dessa nova posição ficará evidente e auxiliará os profissionais na escolha entre psicoeducadores clínicos ou institucionais. Possibilitará também ao leitor analisar ao procurar um psicopedagogo clínico ou um psicopedagogo institucional.
O objetivo deste artigo é descrever a história da psicopedagogia no Brasil, mostrar as diferenças entre a psicopedagogia institucional e a clínica, apresentar a possível contribuição deste campo no ambiente escolar e ilustrar principalmente como a prática da psicopedagogia é conduzida na educação em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA).
O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por um comprometimento significativo da interação social combinando déficits de comunicação verbal e não verbal e manifestações clínicas relacionadas a padrões restritos e repetitivos estereótipos, Foco no comportamento rígido de interesses, ações, e ações específicas e rotineiras (APA, 2014). Essas dificuldades existem em muitas situações, e podem ser expressas em histórias atuais ou anteriores, levando a defeitos ao longo da vida nas funções pessoais, familiares, acadêmicas, sociais e profissionais.
A manifestação da doença varia com o nível de desenvolvimento e idade real. Deve-se levar em consideração as falhas ou dificuldades de qualidade na comunicação, interação social e imaginação, falta de atividades exploratórias e dificuldades comportamentais, como rituais e compulsões, mudanças repentinas de humor e comportamentos autodestrutivos.
Esses fenômenos anormais devem aparecer por volta dos 3 anos de idade (Kaplan; Sadock; Greeb, 2007; Klin, 2006; Olivier, 2006; Cid10, 2011). As barreiras sociais são onipresentes e persistentes, e o desenvolvimento dos colegas e o uso de comportamentos não-verbais (por exemplo, contato visual direto, postura, postura corporal e expressões faciais) podem ser interrompidos. Buscar felicidade, interesse ou conquista para compartilhar com outras pessoas (por exemplo: itens que eles acham interessantes e não destacam, exibem ou trazem) e falta de reciprocidade social (por exemplo: não participar de jogos, preferir atividades separadas) (APA, 2002)
As barreiras de comunicação também parecem ser severas e persistentes, prejudicando as habilidades de linguagem e não-verbais, atrasado ou falta de linguagem falada e uso de linguagem estereotipada, repetitiva ou especial (por exemplo, a repetição de palavras ou frases em um idioma que só é familiar membros podem entender).

CONTEXTO HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO DA PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL

O surgimento e o reconhecimento da psicopedagogia como um campo distinto no Brasil podem ser rastreados até a década de 1970, quando os primeiros cursos de especialização em psicopedagogia foram introduzidos. Esses cursos visavam contribuir para a formação de profissionais especializados para lidar com dificuldades de aprendizagem, que eram frequentemente atribuídas a disfunções neurológicas na época.
Como um campo interdisciplinar, a psicopedagogia integra princípios educacionais e psicológicos para melhor compreender e apoiar os processos de aprendizagem dos indivíduos. O reconhecimento da psicopedagogia como uma disciplina separada marcou uma mudança significativa no enfrentamento dos desafios educacionais, focando mais na compreensão holística das dificuldades de aprendizagem em vez de vê-las apenas através de uma lente médica. Este período lançou as bases para o desenvolvimento do campo, enfatizando a necessidade de conhecimento e habilidades especializadas para lidar com questões complexas de aprendizagem (Maciel, 2016).
Marcos importantes e figuras influentes desempenharam papéis essenciais no desenvolvimento da psicopedagogia brasileira. A

década de 1970 foi uma década formativa, não apenas para a introdução de cursos de especialização, mas também para o estabelecimento da psicopedagogia como uma profissão reconhecida (Riedo, 2017).

Figuras influentes como Alicia Fernández e Sara Paín trouxeram insights e estruturas que moldaram a prática e a compreensão da psicopedagogia no Brasil. Esses indivíduos introduziram metodologias inovadoras que integraram teorias psicológicas com práticas educacionais, aumentando assim a eficácia das intervenções projetadas para dar suporte a alunos que enfrentam dificuldades educacionais. Suas contribuições ajudaram a solidificar o lugar da psicopedagogia no cenário educacional, destacando a importância de abordar os aspectos cognitivos e emocionais da aprendizagem (Paín,1985).

De acordo com Pain, (1985), a evolução das políticas educacionais impactou significativamente o papel dos psicopedagogos no Brasil, especialmente com uma ênfase crescente na educação inclusiva. Ao longo dos anos, as reformas educacionais promoveram a inclusão de alunos diversos, necessitando de adaptações e suporte especializado dentro dos ambientes escolares.

Os psicopedagogos foram substituídos para facilitar essas mudanças, auxiliando na implementação de estratégias que acomodam várias necessidades de aprendizagem. À medida que as políticas educacionais continuam a evoluir, a demanda por expertise psicopedagógica aumentou, ressaltando a importância do campo na promoção de oportunidades educacionais equitativas. Essas mudanças políticas não apenas ampliaram o papel dos psicopedagogos, mas também fortaleceram sua função essencial na promoção de ambientes de aprendizagem inclusivos e de apoio para todos os alunos (Maciel, 2016).

PAPÉIS E RESPONSABILIDADES DOS PSICOPEDAGOGOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Os psicopedagogos desempenham um papel essencial no sistema educacional brasileiro ao empregar uma variedade de estratégias de avaliação e intervenção projetadas para abordar dificuldades de aprendizagem. Esses profissionais utilizam ferramentas de diagnóstico para identificar desafios de aprendizagem específicos enfrentados pelos alunos, que então informam planos de intervenção direcionados (Paín,1985).

Esse processo começa com uma avaliação abrangente para entender as causas raízes dos problemas de aprendizagem de um aluno, seguido pelo desenvolvimento de estratégias personalizadas destinadas a superar esses desafios. Ao adaptar as disciplinas às necessidades exclusivas de cada aluno, os psicopedagogos ajudam a promover um ambiente de aprendizagem favorável que incentiva o crescimento acadêmico. Sua abordagem não se concentra apenas na remediação, mas também enfatiza a importância de medidas preventivas para mitigar futuros obstáculos de aprendizagem (Paín,1985).

Essa mistura estratégica de avaliação e intervenção ressalta o papel indispensável dos psicopedagogos na melhoria da experiência educacional para alunos que enfrentam dificuldades de aprendizagem.

A colaboração é outro aspecto crítico do papel do psicopedagogo, pois envolve trabalhar em estreita colaboração com professores, pais e outros profissionais educacionais para apoiar a aprendizagem do aluno. Esse trabalho cooperativo garante que todas as partes interessadas estejam alinhadas em sua compreensão e abordagem para abordar as necessidades educacionais de um aluno (Riedo, 2017).

Ao facilitar a comunicação regular e compartilhar insights de avaliações, os psicopedagogos ajudam a criar uma rede de apoio coesa que capacita educadores e pais a contribuir eficazmente para o desenvolvimento do aluno. Este modelo colaborativo promove uma abordagem integrada à educação, garantindo que as intervenções de aprendizagem sejam consistentes e reforçadas tanto na escola quanto em casa. Além disso, ao envolver vários profissionais da educação, os psicopedagogos ajudam a promover uma cultura de aprendizagem e adaptação contínua, onde as estratégias educacionais são regularmente revisadas e refinadas para atender às necessidades de evolução dos alunos (Riedo, 2017).

Segundo Mota e Pereira (2003), abordar as

dificuldades de aprendizagem e promover a educação inclusiva são essenciais para a missão dos psicopedagogos no Brasil. Sua experiência em identificar e abordar barreiras à aprendizagem permite que eles defendam práticas inclusivas que acomodem alunos diversos.

Ao implementar estratégias que atendam a uma ampla gama de necessidades de aprendizagem, os psicopedagogos são direcionados para a criação de um ambiente educacional que valoriza e apoia todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou origens. Este compromisso com a inclusão não só beneficia os alunos com dificuldades de aprendizagem, mas também enriquece a experiência de aprendizagem para todo o corpo discente, promovendo a empatia e a compreensão (Riedo, 2017).

Por meio de seu trabalho, os psicopedagogos ajudam a remodelar o cenário educacional, defendendo políticas e práticas que garantam que cada aluno tenha a oportunidade de ter sucesso. Essa abordagem proativa à educação inclusiva ressalta o papel vital que os psicopedagogos desempenham na formação de um sistema educacional mais equitativo e justo (Mota; Pereira, 2003).

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA PSICOPEDAGOGOS NO BRASIL

Os desafios legais e institucionais enfrentados pelos psicopedagogos no Brasil são multifacetados, resultando em grande parte da falta de diretrizes padronizadas e de reconhecimento dentro dos sistemas educacionais e de saúde. Um obstáculo significativo é a ausência de uma estrutura legal formalizada que defina claramente os papéis e responsabilidades dos psicopedagogos, o que pode levar a inconsistências em sua prática profissional (Mota; Pereira, 2003).

Essa falta de clareza legal geralmente resulta em psicopedagogos lutando para obter o reconhecimento de que precisa para se integrar eficazmente em ambientes institucionais, pois não há reconhecimento generalizado de suas contribuições únicas para a educação e a saúde mental. Além disso, a percepção da psicopedagogia como um serviço não essencial complica ainda mais sua integração, pois as instituições podem não entender ou apreciar totalmente os benefícios de empregar psicopedagogos (Sisto, 2013).

Esses desafios bloqueiam um esforço concentrado para estabelecer o reconhecimento legal e promover a conscientização do papel vital do psicopedagogo no apoio à aprendizagem e ao desenvolvimento.

Apesar desses desafios, há inúmeras oportunidades de desenvolvimento profissional e especialização para psicopedagogos no Brasil. O campo da psicopedagogia está crescendo à medida que se adapta a diversos ambientes além dos ambientes educacionais tradicionais. Os psicopedagogos têm a chance de expandir sua expertise e trabalhar em vários setores, como ambientes corporativos, onde podem se envolver em atividades como mapeamento de competências e desenvolvimento de planos educacionais para o crescimento dos funcionários (Mota; Pereira, 2003).

Essa diversificação permite que os psicopedagogos aprimorem suas habilidades e adaptem suas abordagens para atender às necessidades únicas de diferentes populações. Além disso, o surgimento de programas de treinamento especializados e simpósios nacionais dedicados à psicopedagogia fornece aos profissionais plataformas para o desenvolvimento profissional, permitindo que eles se mantenham informados sobre as últimas pesquisas e metodologias no campo. Essas oportunidades não apenas aprimoram sua prática, mas também diminuem para o crescente reconhecimento da psicopedagogia como uma disciplina valiosa (Sisto, 2013).

O impacto de fatores culturais e socioeconômicos na prática da psicopedagogia no Brasil é profundo, pois esses elementos moldam os desafios e as oportunidades dentro do campo. As percepções culturais da educação e da saúde mental desempenham um papel crítico em como os psicopedagogos são percebidos e utilizados nas comunidades.

Por exemplo, em regiões onde há uma forte ênfase em métodos educacionais tradicionais, os pedagogos podem enfrentar resistência na implementação de estratégias inovadoras que divergem das práticas convencionais. As disparidades socioeconômi-

cas também influenciam a acessibilidade e a disponibilidade de serviços psicopedagógicos, pois comunidades com recursos limitados podem ter dificuldade para priorizar ou pagar por esses serviços (Sisto, 2013).

No entanto, esses fatores também apresentam oportunidades para os psicopedagogos fazerem contribuições significativas ao adaptar suas intervenções para atender a necessidades culturais e socioeconômicas específicas, promovendo assim ambientes de aprendizagem mais inclusivos e eficazes. Ao compreender e navegar por essas complexidades, os psicopedagogos podem desempenhar um papel fundamental na promoção da equidade educacional e do bem-estar em diversos contextos brasileiros (Soares, 1997).

Concluindo, a inserção de psicopedagogos no Brasil representa um avanço significativo no âmbito da educação, abordando as diversas necessidades de aprendizagem dos alunos e promovendo práticas inclusivas. O contexto histórico revela uma jornada marcada por marcos essenciais e as contribuições de figuras influentes que moldaram o campo no que ele é hoje.

Os psicopedagogos desempenham um papel crucial na avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem, colaborando eficazmente com professores, pais e outras partes interessadas para promover um ambiente educacional enriquecedor. No entanto, eles enfrentam vários desafios, incluindo barreiras legais e fatores socioeconômicos que podem dificultar sua prática. Apesar desses desafios, há muitas oportunidades de crescimento e especialização na profissão. À medida que o Brasil continua a evoluir em suas políticas e práticas educacionais, o papel dos psicopedagogos, sem dúvida, se tornará cada vez mais vital para garantir que todos os alunos tenham o apoio de que precisam para ter sucesso. Na última análise, o desenvolvimento contínuo da psicopedagogia no Brasil traz a promessa de transformar experiências e resultados educacionais para consideravelmente alunos em todo o país (Soares, 1997).

A PSICOPEDAGOGIA E O TEA

O autismo geralmente está associado a características como falta de flexibilidade, perseverança, atenção aos detalhes e não ao todo, dificuldades nos relacionamentos interpessoais e dificuldades para brincar. Tudo isso pode ser explicado pela degradação funcional do lobo frontal, que leva ao declínio da função executiva. (Duncan, 1986).

O mau desempenho de pacientes com autismo em testes que avaliam as capacidades do funcionamento executivo sugere que essas alterações podem ser causadas por alterações no lobo frontal. Mattos, Saboya e Araújo (2002) testaram essa hipótese em um paciente com traumatismo cranioencefálico (TCE) e observaram que eram consistentes com lesão do lobo frontal, aumento da motivação, aumento da irritabilidade e comportamento potencialmente explosivo. Consequências comportamentais.

O cerebelo, o sistema límbico e a amígdala estão diretamente relacionados ao lobo pré-frontal. O trauma nesta área pode afetar as funções executivas e as habilidades motoras. Como essas estruturas cerebrais estão relacionadas ao comportamento e às áreas cognitivas, parece que as pessoas com autismo podem ter uma síndrome semelhante à paranoia, como veremos a seguir.

A Psicopedagogia tem um papel fundamental no aprendizado de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas instituições escolares, pois atua na identificação e na intervenção de barreiras específicas ao processo de aprendizagem, ajudando a criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Profissionais psicopedagogos trabalham para entender o perfil cognitivo e emocional de cada aluno com TEA, observando suas habilidades e desafios em diferentes contextos escolares. Dessa forma, é possível desenvolver estratégias personalizadas, que respeitem as particularidades desses alunos, como o uso de materiais visuais, atividades sensoriais e rotinas estruturadas que facilitem a compreensão e a interação.

Além disso, a Psicopedagogia oferece suporte aos professores, orientando sobre métodos que tornam o ensino mais acessível e eficaz para alunos com TEA, e promove a comunicação entre a escola e a família, para que todos estejam alinhados nas melhores práticas para o desenvolvimento da criança.

Essa abordagem permite que os alunos com TEA avancem em suas habilidades sociais, cognitivas e emocionais, aumentando suas chances de sucesso e participação plena na vida escolar. Assim, a Psicopedagogia contribui de forma significativa para um aprendizado mais humanizado e inclusivo, onde as diferenças são valorizadas e integradas ao processo educativo.

Trabalhar com as funções executivas é primordial porque elas são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e comportamentais que nos permitem planejar, organizar, regular emoções e tomar decisões. Essas funções, que incluem memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva, são essenciais para o aprendizado e a adaptação a diferentes contextos da vida cotidiana.

No ambiente escolar, o desenvolvimento das funções executivas impacta diretamente o desempenho acadêmico, pois melhora a capacidade de concentração, o cumprimento de instruções e a resolução de problemas, facilitando o aprendizado em disciplinas variadas. Além disso, habilidades como controle emocional e flexibilidade ajudam a lidar com frustrações e mudanças, aspectos importantes tanto na vida escolar quanto em contextos sociais.

FUNÇÕES EXECUTIVAS

As funções executivas são um conjunto de habilidades cognitivas que regulam e controlam nossos pensamentos e comportamentos, essenciais para realizar atividades complexas e adaptar-se a novas situações. Elas podem ser divididas nas seguintes principais áreas: Memória de Trabalho; Controle Inibitório; Flexibilidade Cognitiva; Planejamento e Organização; Tomada de Decisão; Autorregulação Emocional.

O desenvolvimento dessas funções na infância garante gradativamente a adequação de iniciar, persistir e completar tarefas e melhor desempenho (Anderson, 2002). A área pré-frontal realiza atividades com base nas informações do córtex posterior (Bosa, 2001).

As funções executivas são responsáveis por planejar e coordenar a percepção e a organização dos diversos movimentos, ou seja, a partir das informações de emoção, atenção e memória recebidas do sistema límbico ou cerebelo e da área sensorial posterior. Esta área planeja ações complexas, resolve problemas colocados pelo ambiente, organiza e dispara respostas de movimento.

Portanto, para a execução das tarefas diárias e plena interação social, as funções executivas devem permanecer as mesmas, pois a decisão de resolver o problema de respostas alternativas se reflete no ambiente de adaptação de uma pessoa (Anderson, 2002; Parent, 2002).

Segundo Wedge (2006), a função executiva prejudicada em pacientes autistas dificulta o planejamento e a manutenção de tarefas para atingir os objetivos, mas também pode levar a déficits de aprendizagem por meio de feedback e falta de inibição da insignificância e ineficiência.

Pessoas com autismo têm grandes déficits nas funções executivas porque perdem a capacidade de se concentrar, motivar, lembrar, planejar e concluir tarefas. Pode-se observar pela sintomatologia que os pacientes autistas não conseguem coordenar sua percepção do ambiente e a coordenação de vários movimentos devido às informações recebidas do sistema límbico, cerebelo e área sensorial posterior.

Da mesma forma, dificuldades interpessoais, dificuldades de brincar, indiferença emocional e expressão inadequada de apego também podem ser explicadas pelos defeitos funcionais do lobo frontal.

A atuação do psicopedagogo na escola é essencial para apoiar o aprendizado dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e auxiliar os professores a desenvolver estratégias eficazes de ensino e convivência. O psicopedagogo contribui para o desenvolvimento desses alunos ao observar e identificar as dificuldades específicas e potencialidades de cada um, construindo intervenções pedagógicas que respeitem seu ritmo, necessidades sensoriais e formas de comunicação.

Além disso, o psicopedagogo promove a construção de um ambiente acolhedor e inclusivo ao estimular práticas que favoreçam a socialização e a empatia entre todos os alunos. Esse profissional também acompanha o

progresso dos estudantes com TEA e orienta os professores sobre ajustes necessários no plano de ensino, avaliando regularmente a eficácia das estratégias adotadas.
Dessa forma, a atuação psicopedagógica não apenas impacta positivamente o desenvolvimento dos estudantes com TEA, mas também fortalece a equipe docente, oferecendo aos professores ferramentas e suporte para que se sintam mais seguros e preparados para atender esses alunos de forma personalizada e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo traçado no início deste artigo pode ser realizado elucidando rapidamente a história da educação no Brasil, por meio de um estudo documental realizado em livros e artigos, possibilitando compreender que para se ter uma escola é necessário criar cargas capazes de atender às fortes necessidades trazidas pelos alunos. Diante dessas demandas, é necessário compreender como ocorre o processo de aprendizagem e suas diversas implicações na forma como o conhecimento é adquirido e divulgado.
Portanto, o psicopedagogo surge por um momento com o propósito de descobrir os motivos do fracasso escolar, mas através de erros e acertos, aos poucos vai entender que aprender é mais do que saber ler e escrever, para efetivamente transferir conhecimentos, é entender a relação entre o conhecimento e o indivíduo. Esse espaço entre os dois é o que chamamos de processo de aprendizagem.
Assim, este campo da psicopedagogia é dividido em duas partes: a psicopedagogia clínica e a psicopedagogia institucional. Primeiramente, os profissionais atuam em espaços clínicos e terão contato direto com assuntos que enfrentam dificuldades de aprendizagem e poderão realizar avaliações e diagnósticos, identificar barreiras para o desenvolvimento de planos de intervenção e também ajudar os indivíduos a redescobrirem suas potencialidades e habilidades para a realização de atividades.
No segundo caso, o profissional atuará em uma instituição como uma escola e será informativo, ou seja, o psicopedagogo não atuará diretamente com alunos com dificuldades de aprendizagem, mas trabalhará com outros profissionais da instituição, orientando-os sobre como lidar com essas dificuldades e, se a escola permitir, trabalhe também com os pais. A hipótese de função executiva prejudicada em pacientes com autismo é possível, mas mais pesquisas são necessárias.
Portanto, o autismo está associado a uma variedade de doenças neurológicas, uma das quais são as alterações do lobo frontal que levam à disfunção executiva; no entanto, as conclusões sobre a relação entre o autismo e o mecanismo exato de alterações no cérebro ainda são inconclusivas.
Por haver uma vasta área que necessita de mais pesquisas e orientações, os psicopedagogos devem estar voltados para o crescimento, acessíveis e melhoria de cada processo individual e coletivo presentes nos estilos de aprendizagem. Esse auxílio ocorre tanto na prática administrativa, no desenvolvimento de programas de ensino, quanto na teoria, quando são realizadas coleções que permitem o estudo de disciplinas afins.

REFERÊNCIAS

Almeida, Luciana Barros de. Psicopedagogia para uma sociedade de aprendizagem.Veja<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid =S0103-84862016000300017> Acessado em 16 de junho de 2024.

Almeida, Sanzia Geiney Paulo de. A contribuição da psicopedagogia no ambiente escolar. Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/contribuicoes-da-psicopedagogia-nocontexto-escolar/26599> Acessado em 16 de junho de 2024.

American Psychiatric Association .Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] : DSM-5 /; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed,

Anderson, V. Executive function in children. Child Neuropsychology., v.8, p.69-70, 2002.

Bossa, Nádia A. Psicopedagogia no Brasil: Contribuições para a prática. Porto Alegre :

Artmed, 2007.
Duncan, J. Disorganization of behavior after frontal lobe damage. Cognitive Neuropsychology, v.3, p.271-290, 1986.
Fernandez, Alicia. (1991). A Inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Medicas
Kaplan, H. I.; SADOCK, J. B.; GREEB, J. A. Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
Klin, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Revista Brasileira de Psiquiatria, v.28, n.1 (suppl.), p.3-11, 2006.
Maciel, Lizete Shizue Bomura e Shigunov NETO, Alexandre. A Educação Brasileira no Período Pombalino: Uma Análise Histórica das Reformas Pedagógicas Pombalinas. educar . procurar . [on-line]. 2006, Volume 32, Edição
3, páginas 465-476. ISSN 1517-9702. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000300003>. Acesso em: 22 de julho de 2024.
Mota, Maria Sebastiana Gomes. PEREIRA, Francisca Elisa de Lima. Desenvolvimento e aprendizagem processo de construção do conhecimento e desenvolvimento mental do individuo. Disponível em<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_desenvolvimento.pdf>Aces so em 14 Out. 2024
Olivier, L. Distúrbios de aprendizagem e de comportamento. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.
Parente, M. A. M. P. Organização cerebral das funções cognitivas envolvidas na sociabilização. In: BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. A. (Orgs.). Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. Pain, Sara. Instrumental enrichment. Baltimore, Md.: University Park Press, 1980.
Riedo, Cássio Ricardo Fares. Avaliação e Intervenção Psicopedagógica
Unidade Disponível em <https://s3.amazonaws.com/cmklscontent/201702/INTERATIVAS_1_0/AVALIACAO_E_INTERVENCAO_PSIC OPEDA GOGICA/U1/pdf/webaula.pdf> Acesso em 23 abr. 2024

Sisto, Fermino Fernandes et al. Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar. 14ª Edição. Petrópolis, RJ 2013.

Soares, Jacy Célia da Franca. Psicopedagogia: da escola a clinica, quantos passos?. Disponível em < https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2882/2049> Acesso em 16 out. 2024.

Werlang, Sandra Danieli. Afetividade e aprendizagem na Educação Infantil. Porto Alegre, 2010. Universidade Federal do Rio Grande do sul.